



## **TÍTULO**

GRUPO BEIJA FLOR – Rede de Cidadania e Integração Comunitária

## **ÁREA**

DIREITOS HUMANOS

### **AUTORES (ORDEM ALFABÉTICA)**

Alexandre José Prado de Souza; Aluizio de Oliveira; Amaury Benedito Martin; André Fábio Medeiros Monteiro; Andréa Salmazo; Andréia Pereira de Souza; Cecília Togni; Euclides Gomes Ferreira; Fábio Antonio Ferreira da Silva; Fred Teixeira Trivelatto; Iana Lícia Lopes; José Augusto de Moraes, Luana Ferrarotto; Lúcia Maria Gabos de Carvalho, Maria Antonia Palumbo, Maria Cristina Andreoli Theodoro; Maria Haydée de Jesus Lima; Maria Terezinha Pereira Amaro, Olga Akumi Fukuda Oliveira, Renata Lúcia de Moraes Fernandes; Roberto Teixeira Mendes; Sandra Ferreira, Sandro Tonso; Silas Pires de Oliveira Neto.

### **E-MAIL**

sandro@unicamp.br

grupobeijaflor@yahoogrupos.com.br

beija2002@yahoogrupos.com.br

### **INSTITUIÇÕES (ORDEM ALFABÉTICA)**

Associação de Amigos do Bairro da Conquista; Associação de Amigos do Bairro da Vitória; Associação de Assistência “São João Maria Vianney”; Centro Assistencial “Romília Maria”; Centro de Saúde da Vila Ipê; Comunidade Religiosa “São Francisco de Assis” do Jardim Amazonas; Departamento de Parques e Jardins da Prefeitura Municipal de Campinas; Escola Municipal de Ensino Fundamental “Anália Ferraz da Costa Couto”; Movimento da Juventude Popular – MJP; Núcleo Comunitário de Crianças e Adolescentes da Vila Ipê da Prefeitura Municipal de Campinas; 5º Distrito Policial de Campinas; Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

## **INTRODUÇÃO**

---

A idéia de se criar uma rede de cidadania e integração comunitária surgiu em um encontro informal, no mês de fevereiro do ano de 2001, entre a Dra. Maria Haydée de Jesus Lima, coordenadora do Centro de Saúde da Vila Ipê, e o Prof. Dr. Roberto Teixeira Mendes, Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários da UNICAMP, quando se comentou a necessidade de promover a discussão dos problemas da região junto com as entidades governamentais e não governamentais ali sediadas, conhecer seus anseios, incentivar a integração e, juntas, propor projetos e buscar nos setores competentes a solução dos seus problemas.

Mais especificamente, as preocupações iniciais do grupo se voltaram para o fato que, na região, havia um apoio relativamente satisfatório às crianças até os 11 anos, promovido pelas escolas públicas e por entidades assistenciais (governamentais e não-governamentais) que oferecem atividades sócio-educativas nos períodos complementares aos das escolas, o que, PORÉM, não acontece para as crianças mais velhas.

Tanto pela falta de entidades assistenciais voltadas para esta faixa etária e pelas mudanças nas características da escola (da 4ª para a 5ª séries), quanto pelas próprias transformações das crianças nesta idade, as atividades “da rua” passam a ser um forte atrativo o que aumenta a situação de risco de envolvimento em atividades altamente prejudiciais para a formação física, educacional e moral destas crianças.

Complementarmente, as análises das ocorrências registradas no Centro de Saúde, mostravam que o uso de drogas, a alta incidência de gravidez de adolescentes e um alto índice de “acidentes domésticos” envolvendo crianças mostraram a importância deste tipo de trabalho e a necessária característica de trabalho conscientizador, envolvente, coletivo, parceiro, ...

## **OBJETIVOS**

---

Como objetivo geral deste projeto está a melhoria da qualidade de vida da população da Vila Ypê entre 12 e 18 anos, permitindo-lhes a construção de uma identidade própria, uma visão crítica sobre suas vidas e, portanto, uma perspectiva de atividades escolares e não escolares que façam frente ao caminho da droga, da gravidez precoce e, conseqüentemente, das DST.

Como objetivos específicos podemos apontar:

- ❑ construir, por meio de projetos coletivos e participativos, espaços públicos da região (praças), onde ocorrerão diversas atividades sócio-culturais que atualmente já existem no bairro, mas que não têm um local fixo, nem adequado para sua manifestação;
- ❑ aumentar o nível de interação entre as instituições da região com trabalhos sociais, articulando-as para um projeto geral participativo de melhoria da qualidade de vida na região;
- ❑ propiciar a formação de novos grupos comunitários e/ou novas atividades, além daquelas já propostas pelo presente projeto;
- ❑ ter um crescente envolvimento da população em geral com as atividades do projeto;
- ❑ aumentar a consciência e visão crítica e autonomia da população sobre seus problemas e respectivas soluções.

Podemos relacionar as funções do grupo à ação diária do beija-flor. Aquele, na Natureza, desempenha a função de polinização, tirando com seu bico o pólen da flor levando-o até outra no grande papel de preservação das espécies. Desta forma, os agentes do Grupo “Beija-Flor” devem desempenhar sua função politizadora, na acepção correta da palavra, ou seja, exercer, tanto o seu dever como seu direito de cidadania, buscando integrar aquilo que existe de bom nos diversos setores da pólis e gerando, assim, uma sociedade mais justa e mais feliz.

O grupo não tem personalidade jurídica, não tem recursos financeiros sendo assim, cheio de limitações. Na sua natureza de articulação, o seu papel terá maior ou menor importância na proporção da existência do bem-estar social.

### **SUJEITOS DAS AÇÕES**

---

Estas ações têm uma direção muito precisa: adolescentes da nossa região. A diferença fundamental que queremos ressaltar é que não consideramos os adolescentes como “público alvo” e tampouco “objetos de nossa ação”. Estes dois conceitos, normalmente, colocam os adolescentes ou como “alvos” a serem acertados por uma ação unidirecional, ou como “pacientes” de um projeto externo a eles próprios. Com uma postura claramente construtivista, o projeto concebe e pratica a idéia de “sujeitos”, protagonistas de suas próprias vidas, com o apoio, necessário porém não diretivo, das

entidades parceiras. Desta forma, desde a concepção do projeto, os adolescentes já assumem o papel de parceiros de um movimento que, voltados para um segmento, reconstrói toda a sociedade.

### **PRINCÍPIOS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMUNITÁRIA**

A Extensão Universitária, no seu caminho para o desaparecimento como uma atividade individualmente caracterizada, já passou, historicamente, por duas fases bastante distintas e encontra-se agora numa terceira dimensão que poderá finalmente propiciar o fim da Extensão como tal, para dar vez à Extensão Universitária como uma postura que Ensino e Pesquisa assumem na relação entre Universidade e Sociedade com um todo.

Estas 3 fases são cronológicas e tipológicas ao mesmo tempo. Tanto no decorrer da História, quanto nas diversas fases de um determinado projeto, as 3 fases se apresentam:

- ❑ a Extensão como “transmissão de conhecimento”;
- ❑ a Extensão como “comunicação e troca” e, finalmente,
- ❑ a Extensão como Reflexão da Universidade.

As duas primeiras fases ou dimensões da Extensão têm sido discutidas por diversos autores tendo sido Paulo Freire, em “Comunicação ou Extensão” (1970!), um daqueles que melhor as diferenciou e caracterizou. Os aspectos de invasão cultural, de dominação ou “domesticação” foram bem desenvolvidos dando-nos uma boa noção dos riscos que se corre quando um projeto tem esta característica.

Por outro lado, os aspectos da comunicação, da troca de conhecimentos, do crescimento mútuo entre Sociedade e Universidade, apesar de desejáveis, ainda encontram resistência e incompreensão entre diversas pessoas e/ou setores da Universidade e, também, da Sociedade.

Por outro lado, devemos reconhecer a influência negativa sobre os projetos de Extensão Comunitária das seguintes 4 características da relação Universidade/Sociedade:

- ❑ uma opção Política de Universidade, voltada para interesses da Sociedade ou das corporações voltadas para Tecnologia e Capital;
- ❑ a existência de uma hierarquia – a priori – entre as diversas formas de conhecimentos construídos pelo Homem;

- ❑ a fragmentação destes conhecimentos, isolando-os e,
- ❑ as dificuldades de linguagem e tipos de pensamento utilizados.

A terceira fase ou característica da Extensão – a da Reflexão - é aquela que permitirá à Universidade se enxergar na relação de alteridade com a Sociedade; propicia “reflexão” em ambos os sentidos: ver-se, como num espelho, quando se relaciona com a “não-universidade” e, ao mesmo tempo, refletir sobre seu papel e responsabilidade frente à Sociedade.

Neste sentido, a Avaliação das atividades de Extensão assume papel fundamental na construção desta oportunidade da Universidade, ao se reconhecer na relação com a Sociedade, repensar e redefinir continuamente suas principais funções: produzir conhecimento acadêmico e difundi-lo. Finalmente, desta forma e citando Silvio Botomé, a Universidade poderá cumprir seu papel superando o “ensino alienante” e a pesquisa alienada”.

#### **AÇÕES JÁ REALIZADAS**

---

Desde o dia 13 de março de 2001, o GRUPO BEIJA-FLOR reúne-se quinzenalmente e se caracteriza por ser um grupo aberto e permanente, isto significa que qualquer pessoa ou instituição e em qualquer tempo pode se agregar aos trabalhos desenvolvidos. Diversas ações, desde as pontuais, de solidariedade e parceria entre os grupos participantes, até o desenvolvimento de atividades culturais e cursos na região, têm sido desenvolvidas pelas entidades do grupo. Durante 2001, podemos enumerar:

1. cursos de formação de “contadores de história” para pessoas do ensino formal, do ensino não-formal e para jovens de modo geral;
2. curso de capacitação de agentes sócio-culturais;
3. oferecimento de atividades e oficinas voltadas para a sensibilização dos jovens para questões ligadas às artes (plásticas e teatro), saúde e meio ambiente;
4. curso de formação de jovens viveiristas (em parceria com o programa da Prefeitura de descentralização dos Viveiros Municipais);
5. apoio ao funcionamento de uma rádio comunitária.

Pelo fato de não ter havido nenhum tipo de pressão externa à comunidade por “resultados do projeto”, “eficiência das ações” (em grande parte pelo fato de que não há financiamento das ações!), estas ações construíram o mais importante “capital” do

projeto: a articulação social, institucional, não-hierárquica, criada a partir das reuniões do grupo Beija Flor, demonstrando que a comunidade, na condução de suas questões, deve e pode decidir-se por formas alternativas de ação comunitária chamando a Universidade para assumir seu papel perante a Sociedade onde se insere.

A partir desta articulação/diálogo entre as instituições, em 2002, iniciou-se uma fase de ações mais voltadas para a ação direta na comunidade. No primeiro semestre foi realizado o I Fórum Regional de Atenção à Criança e Adolescente Vítimas de Violência Doméstica. O tema escolhido pelo grupo nasceu da necessidade de se discutir e apresentar solução para os problemas gerados pela falta de integração das entidades que recebem os casos concretos de violência para os quais, muitas vezes, não conseguem dar continuidade aos procedimentos necessários para a sua solução. Com base nas experiências cotidianas e preocupado, sobretudo, com casos que não são denunciados, mas que infelizmente permeiam as relações familiares, o I Fórum Regional reuniu um grande número de entidades de apoio e outras afetas ao tema tanto em âmbito Municipal quanto Estadual, visando propostas e soluções que possam, enfim, viabilizar e sistematizar uma rede de atenção. A própria Prefeita de Campinas compareceu pessoalmente reconhecendo a importância da constituição de uma rede de cidadania como o Grupo Beija Flor.

No segundo semestre de 2002, dando continuidade ao aumento crescente de ações voltadas diretamente para a população decidiu-se por iniciar uma ocupação coletiva dos espaços públicos (praças e áreas de escolas e posto de saúde) como forma de construir, com a população, um maior comprometimento com as melhorias do seu bairro e maior possibilidade de debate e integração social.

### **1. Construção de uma horta de ervas medicinais e aromáticas**

Tendo como fundamentação um movimento de maior independência da população dos remédios industrializados em benefício do resgate da sabedoria popular em termos das terapias baseadas (e comprovadas clinicamente) em ervas medicinais, este projeto está construindo na área do Centro de Saúde da Vila Ipê uma espécie de horta que servirá de fornecedor de mudas, espaço de lazer e de discussão sobre hábitos alimentares e de relação com a natureza.

## **2. Construção de horta em Escola Pública**

Com os objetivos de valorização, por parte dos alunos, do espaço escolar, de uma alimentação mais saudável, de melhoria de auto-estima e discussão e ação sobre os resíduos sólidos produzidos nas áreas urbanas, este projeto visa a construção de uma horta “comunitária” na Escola pública, utilizando composto orgânico produzido com os restos da cozinha da própria escola.

## **3. Construção de 3 praças numa das áreas, antigamente chamada de “favela”**

Por meio da participação nas assembleias de bairro, o Grupo Beija Flor está promovendo uma discussão sobre os espaços públicos, sobre os conceitos de lazer e participando das reuniões de projeto das praças e, em novembro deste ano, da construção coletiva (em mutirão) das praças.

## **PRÓXIMOS PASSOS**

---

Internamente à UNICAMP, o projeto Beija Flor passará a ser um Programa de Extensão Universitária Comunitária da UNICAMP, recebendo regularmente alunos inscritos na disciplina “Trabalhos Comunitários”, bem como podendo receber contribuições de diversos docentes e órgãos da universidade.

Na comunidade, o Grupo Beija Flor tem recebido diversos grupos que têm interesse em participar e contribuir com o desenvolvimento de nossas ações: um grupo que quer construir uma reflexão sobre “lixo” e suas representações sociais, visando o equacionamento desta questão numa das favelas da região, reconhecendo tanto seus aspectos sanitários quanto aqueles econômicos.

Um grupo de Teatro do Oprimido, trazendo as idéias de conscientização e transformação de Augusto Boal, já estabeleceu contatos para começar sua atuação junto ao Grupo Beija Flor. Da mesma forma, uma profissional ligada à produção de brinquedos artesanais, quer contribuir com um trabalho voltado para o resgate das brincadeiras tradicionais e regionais.

## **CONCLUSÕES**

---

Talvez a mais importante conclusão que se possa destacar deste trabalho permanentemente inconcluso e em transformação é a importância da opção tomada inicialmente de priorizar a construção LENTA e SÓLIDA das relações pessoais e institucionais em detrimento de nossa natural ansiedade em “fazer algo”, em “apresentar alguma ação concreta”.

Esta decisão, mais intuitiva que racional, acabou por se transformar na maior qualidade do projeto que atualmente – pelo diálogo fácil e franco entre as instituições parceiras – pode receber propostas e articulá-las com as ações e desejos já existentes na comunidade.

Esta postura verdadeiramente PARTICIPATIVA, DIALÓGICA, NÃO IMPOSITIVA se transformou na maior riqueza de que a UNICAMP dispõe para exercer e construir uma política de extensão universitária comunitária.